

Não persista o Dr. Fernando Magalhães em querer mexer com os nomes e sobrenomes. E' brincar com fogo ardente.

Se eu quizesse (é méra hypothese) motejar com o seu nome nautico, seria facil a tarefa.

Abriria o dictionario de Drummond e leria:

**Fernando** (o homem livre, do teutão).  
Depois buscaria na geographia:

**Magalhães** — estreito, ao sul da Patagonia.

E então responderia assim áquelle seu trecho:

«Tenha o Dr. Fernando Magalhães (pobre homem livre assim encalhado no sobrenome) mais um pouco de compostura e aprenda o português.»

»

Tratemos, agora, do meu estôfo. V. Ex.<sup>a</sup> leva-me vantagem, e enorme, no seu talento, na sua oratoria, na sua sciencia, no seu physico, nas suas riquezas.

Em tudo isso, V. Ex.<sup>a</sup> é Golias e eu sou David.

Cria, porém, que nada disso invejo. Nem o talento seu, nem o de ninguém, porque já tenho observado innumerados casos de incompatibilidade profunda entre o talento e o character. E no justo receio, eu prescindindo delle.

Não invejo a sua oratoria, nem a sua sciencia, porque ellas decorrem do seu talento e, não querendo este, eu me privo daquellas.

Não invejo o seu physico, nem as suas riquezas, porque não sou Narciso e quero continuar pobre.

Se, porém, fizermos a comparação dos nossos estôfos, medindo os nossos caracteres, creia com certeza que a victoria não lhe caberá, nem por um simples **angström**, que, como V. Ex.<sup>a</sup> deve saber, é a menor medida que a physica possui. Neste terreno, eu ainda sou David, mas armado de boa funda... Se V. Ex.<sup>a</sup> preza a honra alheia e não é um vil diffamador, aqui lhe deixo a luva, para que diga e prove, com nobreza, sem responsabilidade penal, qual é o meu estôfo e o que contra elle sabe, ou ouviu dizer.

Resta-me responder-lhe que não me assusta aquelle seu grito, de sobrenome carregado: «Veja onde pisa!» Eu só ando em terra firme e nunca no terreno move-diço dos cambalachos e **camouflages**.

Era o que tinha a dizer-lhe.

«Par pari refertur»...

Do menor collega

**Ney Cabral**

P. Alegre — Outubro 1927.

## Ex.<sup>mo</sup> Snr. Professor Fernando Magalhães

Rua Alcindo Guanabara 24, RIO DE JANEIRO

Pelos „Archivos Rio Grandenses de Medicina“ tivemos conhecimento da carta que, a 18 de Agosto do corrente anno, dirigistes ao director desta revista, prof. Argymiro Chaves Galvão, a proposito de factos occorridos em sessão do 9.<sup>o</sup> Congresso Medico Brasileiro, realisado a 25 de Outubro do anno findo e em que se tratou da liberdade profissional neste Estado.

Como somos nominalmente citados na referida carta, julgamos de nosso dever vir á falla. Destaquemos, antes de tudo, a parte que nos diz respeito: „Pensei no alvitre da entrega do caso ás sociedades medicas do paiz e propuz-me consultar os antagonistas do grupo com que conferenciava. Ao Dr. Francisco Simões Lopes, de quem possio carta confirmativa e agra-

decida, perante os Drs. Gabino, Mariante Filho e Dr. Ildefonso Simões Lopes Filho, alvitrei o modo de conciliar tudo. *E todos acceitaram a proposta.* Não foi sem espanto que vi depois algumas testemunhas do accordo retirarem-se ostensivamente do Congresso. O que disse e pratiquei em sessão immediata, obedeceu ainda ao accordo que, por um escrupulo de cortezia, não tornei publico na hora.

Estes os factos em que agi com lealdade e fui julgado com grosseria. Póde V. E. estar certo que o julgamento não me perturba. Para outra vez, quando tiverem os Congressos medicos de sollicitar o incommodo da collaboração e da presença de alguém occupado e limpo, é bom avisarem si ha ou não alçapões armados,

e gente trefega capaz de esquecer o que pouco antes acceitára“.

Ora, nós não eramos *leaders* dos antagonistas do grupo com que vinheis de conferenciar, mas simples membros do Congresso, sem credenciaes para ajustar accordos, para resolver, em summa, sobre o assumpto em fóco. Communicastes-nos o que pretendieis propor (acreditamos mesmo que casualmente), em presença do Dr. Ildefonso Simões, que não era membro do Congresso, e do auctor da these sobre a liberdade profissional, Dr. Francisco Simões. Este acceitou a solução proposta, porque já se havia desobrigado, lendo o seu trabalho, e porque não queria concorrer, com a sua relutancia, para aggravar uma situação que se delineava ameaçadora. E nós concordámos tambem com a proposta, porque achavamos que ella traria uma solução de emergencia para a séria crise nitidamente estabelecida após a sessão da tarde. Mas isso, é claro, tinha que ser submettido á apreciação da assembléa, unica com auctoridade para decidir no caso.

Fomos pois, para a sessão, sinceramente convencidos de que iríamos *votar*, apoiando a descoberto a vossa proposta, mostrando-vos assim que não eramos capazes de esquecer o que antes acceitáramos. Infelizmente não houve tempo para assim procedermos, porque, quando a assembléa deu accordo de si, após algumas palavras rapidamente proferidas pelo presidente, já a proposta estava *aprovada*, e um orador na tribuna tratando de assumpto differente, tal como commentou no dia seguinte o „Diario de Noticias“.

Sem ter podido votar, que era, repetimos, o nosso desejo, nos retirámos do Congresso acompanhando grande numero de collegas, os quaes não nos poderão accusar de termos concorrido para que lhes fosse trefegamente armado um alçapão.

Porto Alegre, 22 de Outubro de 1927.

assign.: Dr. Gabino da Fonseca.

„ Dr. Thomaz Mariante.

## Explicação necessaria

Consoante é do conhecimento de todos os senhores collegas, em Abril do corrente anno, como director dos Archivos Rio Grandenses de Medicina, dei publicidade a um numero especial e consagrado á „LIBERDADE PROFISSIONAL“.

Por um conjuncto de circumstancias, não só a impressão, como tambem a expedição do referido numero foi sensivelmente retardada, motivo pelo qual, sómente em fins de Maio, foi elle entregue á leitura dos que se interessam pelas nossas cousas medicas.

Até o momento em que surgiu a carta do Professor Fernando Magalhães, sómente palavras elogiosas e apreciações lisongeiras eu ouvi sobre o numero 4 dos Archivos Rio Grandenses de Medicina.

Agora, após o protesto levantado pelo Professor Fernando Magalhães, tenho apreciado novas opiniões, quicá novas attitudes.

A delicada situação em que me colloquei, tornando-me o alvo de um protesto, cujos termos a esta hora já são conhecidos do corpo medico de nossa capital, implica precisamente, em sem rodeios, definir claramente a minha responsabilidade.

Qualquer que seja o julgamento feito relativamente a resposta por mim enviada em carta ao professor Fernando Magalhães, guardo a serena convicção, de que no terreno da boa ethica social, no terreno da boa moral, deixei ver áquelle professor, que agi com lealdade, julgando os factos desenrolados, tão sómente apoiado no que existia publicado, e ainda mais, e o que é sobremodo evidente, apoiado no que se lê na acta da sessão do dia 8 de

Abril do corrente anno, e publicada na integra nos Archivos Rio Grandense, no numero correspondente aos mezes de Junho e Julho deste anno.

Outrosim, corroborando a affirmativa que acabo de fazer, tenho ainda, o facto bem suggestivo, e que tambem se encontra documentado numa das actas das sessões realizadas por esta sociedade. De facto, na sessão do dia 31 de Dezembro, solicitei da Sociedade de Medicina o parecer sobre a possibilidade da publicação do numero consagrado á Liberdade Profissional, pois, tratando-se de um assumpto tão delicado, não queria só, assumir tamanha responsabilidade.

A presidencia, como se vê da acta da referida sessão, de accordo com os estatutos da Sociedade, entregou á comissão de revista a resolução do assumpto.

No entendimento que tive com a alludida comissão, ficou deliberado, publicar-se o numero, naturalmente acceitando as opiniões indistinctamente, pró e contra a these em fóco, o que aliás era minha intenção, afim de não trahir eu a sinceridade com que nascera a minha resolução, qual a de no referido numero, sómente encarar o magno assumpto sob o ponto de vista social.

Nada porém recebi, e que podesse publicar, em defeza da referida these.

Até a presente data, afóra o protesto do professor Fernando Magalhães, nada recebi em tal sentido. O silencio da Sociedade de Medicina, considereiro como um acto de approvação, á maneira pela qual me conduzi; a unidade de vista, o nenhum